

Leonardo Barci Castriota e Michela Perigolo Rezende

Leonardo Barci Castriota é arquiteto-urbanista (1986), com doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000) e pós-doutorado junto ao Getty Conservation Institute (GCI) em Los Angeles (2001). Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi pesquisador da Rockefeller Foundation e do Getty Conservaton Institute, sendo pesquisador com bolsa de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, desde 2002. Tem atuação destacada também em diversos cargos e conselhos na área do patrimônio, sendo atualmente membro do Conselho Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Conselho Estadual do Patrimônio de Minas Gerais (CONEP–MG). Atualmente coordena o Mestrado Interdisciplinar em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (MACPS) na UFMG. **Michela Perigolo Rezende** é arquiteta pela Universidade Federal de Minas Gerais (1998), possui Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela UFMG (2009). Tem experiência na área de Arquitetura e Engenharia Civil, com ênfase em Processos Construtivos, e ampla atuação em projetos sociais vinculados às tradições afro-brasileiras, em especial à Umbanda.

TRÊS MUSEUS, TRÊS POSTURAS – DIFERENTES VISÕES ACERCA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Leonardo Barci Castriota e Michela Perigolo Rezende

Resumo

As políticas de preservação do patrimônio adotadas em um país refletem de modo substancial a maneira como a questão da cidadania, e seus desdobramentos em relação à identidade, recebem a atenção e a relevância necessárias para a consolidação da verdadeira democracia. Assim, reconhecer em que ponto essas políticas se encontram no Brasil é delinear um quadro claro dos avanços e lacunas que envolvem a questão da identidade nacional, em especial no caso da cultura afro-brasileira. Hoje, quando se firma entre nós o conceito ampliado de patrimônio, salta aos olhos como a imagem construída pelas políticas de patrimônio, já em implantação por mais de 60 anos no país, ainda estariam longe de refletir a diversidade da produção cultural do Brasil. Nessa perspectiva, este trabalho apresenta uma análise comparativa focada na postura adotada por três museus que têm como tema a cultura afro-brasileira: o Museu da Magia Negra, criado em 1912 no Rio de Janeiro; o museu MAFRO, fundado em 1982 em Salvador; e o museu Afro Brasil de São Paulo, implantado em 2004. Através deste levantamento, podemos constatar a forma diferenciada com que se configuram seus acervos, origens e justificativas, as quais apontam para uma reflexão de como o instrumento patrimonial do museu tem sido utilizado no decorrer de nossa história, e quais narrativas museográficas têm sido construídas sobre a cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Museu, Acervo, Cultura Afro-brasileira, Patrimônio

Abstract

The policies adopted for the preservation of heritage in a country significantly reflect the way the issue of citizenship and its development in relation to identity receive the attention and importance to the consolidation of a real democracy. Thus, recognizing how these policies are presented in Brazil is a clear outline of the advances and deficiencies involving the question of national identity, especially regarding African-Brazilian culture. Today, when we consider the broad concept of heritage, we can clearly see the image built by the policies of property, which have been in development for over 60 years in the country and we would still be far from seeing the diversity of cultural production in Brazil. Following this perspective, this work presents a comparative analysis focused on the position adopted by three museums that have African Brazilian culture as a theme: The Museum of Black Magic, established in 1912 in Rio de Janeiro; MAFRO museum, founded in 1982 in Salvador; and Afro Brazilian Museum of Sao Paulo, established in 2004. Through this survey, we can see the different ways they configured their collections, origins and justifications, which led to a reflection of how the heritage instrument of the museum has been used in the course of our history and which museum narratives have been modeled on African-Brazilian culture.

Keywords: Museum, Collection, African-Brazilian Culture, Heritage

As políticas de preservação do patrimônio adotadas em um país refletem de modo substancial de que maneira a questão da cidadania, e seus desdobramentos em relação à identidade, recebem a atenção e a relevância necessárias para a consolidação da verdadeira democracia (FONSECA, 1996). Reconhecer em que ponto essas políticas se encontram no Brasil é delinear um quadro claro dos avanços e lacunas que envolvem a questão da identidade nacional, em especial no caso da cultura afro-brasileira. Hoje, quando se firma entre nós o conceito ampliado de patrimônio, salta aos olhos como a imagem construída pela política de patrimônio “conduzida pelo Estado por mais de sessenta anos” no Brasil, ainda estaria “longe de refletir a diversidade, assim como as tensões e os conflitos que caracterizam a produção cultural do Brasil, sobretudo a atual, mas também a do passado”. (FONSECA, 2003, p. 56).

Magia, Estigma e Marginalidade

No que se refere à cultura afro-brasileira é importante perceber que essa quase não aparece como tal num primeiro momento no âmbito das políticas de patrimônio, sendo mesmo vista como uma cultura inferior e suspeita, tendo, por isso mesmo, os cultos afro-brasileiros sofrido inúmeras perseguições, inclusive policiais durante muitas décadas. Fato curioso, no entanto, é que os primeiros bens móveis brasileiros tombados pertenciam à coleção de “magia negra” da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, que segundo a lei vigente da época no artigo 157 da lei penal impunha uma forte repressão ao que era classificado "o espiritismo, a magia e seus sortilégios,...". A coleção é constituída por objetos de cultos afro-brasileiros apreendidos pela polícia no início do século XX, à qual mais tarde foi reconhecido valor etnográfico, tendo sido anexada a um museu da própria polícia, sendo ali cuidadosamente preservada até 1938, quando o Delegado Silvio Terra requereu ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), órgão federal responsável pelo patrimônio no Brasil, o seu tombamento definitivo. Assim, esse acervo vai ser registrado no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico daquele órgão, tendo a inscrição de número 001, do dia cinco de maio de 1938, no Processo 0035-T-38.

Atualmente este acervo se encontra inacessível, por estarem sendo preparadas instalações mais compatíveis ao museu que a abriga, que vai ganhar espaço na nova sede da Polícia, no prédio histórico da Rua da Relação, no Rio de Janeiro, que a abriga desde 1999. O *Museu de Magia Negra*, como é chamado, tem, no entanto, uma longa história, tendo sido criado já em 1912. Possui, ao lado deste do acervo afro-brasileiro, vasto material referente à atuação da polícia em suas diversas

divisões, tais como as da Polícia Técnica, Medicina Legal, Polícia Política e polícia ostensiva uniformizada, origem que explica o caráter eclético do acervo, no qual encontramos, segundo informações da própria polícia, objetos apreendidos entre 1939 e 1945, “como calçados infantis com desenho da cruz suástica, bandeira e flâmulas nazistas, material de propaganda do Partido Comunista e do Movimento Integralista e o mobiliário original do gabinete do Chefe de Polícia, datado de 1910.”¹ Além desses objetos, compõem ainda o acervo uma ampla coleção de armas de diversas épocas e objetos relativos à falsificações e toxicologia, e outras peças que contam a História da Polícia Civil do Rio de Janeiro. (Confira FIG. 1, 2 e 3. Cabe destacar que não se encontram disponíveis fotos referentes ao acervo das religiões afro-brasileiras).



FIGURA 1 - Peça do acervo da Polícia Civil do RJ: cartomancia. Fonte: POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [200-].



FIGURA 2 - Peça do acervo da Polícia Civil do RJ: Soco inglês 3 em 1 (soco inglês, revólver e faca). Fonte: POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [200-].

¹ POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Museu. [200-]. Disponível em: <www.policiacivil.rj.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2008.



FIGURA 3. - Peça do acervo da Polícia Civil do RJ: sapatos infantis com emblemas nazistas.

Fonte: POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, [200-].

A própria composição do acervo deste museu já deixa claro o estigma, e a situação de inferioridade e marginalização de que a cultura afro-brasileira era alvo, estando ali os objetos de culto afro-brasileiros colocados do lado de outros objetos ligados ‘a história do crime ou da contravenção. Hoje, no entanto, parece haver um esforço para começar a se mudar esta mentalidade, sendo exemplo disso, a cartilha preparada pela Polícia Civil do Rio de Janeiro em 2008, fruto dos encontros desta instituição com lideranças religiosas, “que teve como objetivo traçar projetos e ações visando sensibilizar os agentes a compreenderem melhor a diversidade religiosa, aprimoramento nas delegacias ao atendimento à população do Estado do Rio”². Contudo, seria relevante nos perguntar se os referidos objetos de cultos afro-brasileiros, tidos como os primeiros bens móveis tombados no Brasil, ainda hoje, se enquadram nesta exposição de caráter tão claramente repreensivo?

Na cada vez mais ampla bibliografia sobre a cultura afro-brasileira, encontramos muitos trabalhos que se debruçam sobre a história da repressão dos seus cultos nas diversas formas – candomblé, umbanda, entre outros³. Nesses estudos fica clara a transição do tipo de repressão que se exercia contra os cultos afro-brasileiros, que passa de uma longa etapa inicial em que essas manifestações eram vistas como um “caso de polícia”, para outro tipo de repressão, um pouco mais sutil, onde se tentava

2 *Ibidem*. Acesso em: 20 jan. 2009.

3 *A este respeito ver também as obras de Dário de Bittencourt, A liberdade religiosa no Brasil: a macumba e o batuque em face da lei. : O Negro no Brasil, 2º Congresso Afro-Brasileiro, Civilização Brasileira (1940); Beatriz Góis Dantas, De feiticeiros a comunistas, Dédalo, 23 (1984); João José Reis e Eduardo Silva, Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista, Companhia das Letras (2005).*

contemporizar a ação policial com um controle do tipo “medicalizador”⁴. Quando, porém, a indústria do turismo começa a ganhar peso, na década de 1950, e a cultura afro-brasileira passa a ser vista como um importante componente na identidade nacional (veja-se a repercussão nacional e internacional dos romances de Jorge Amado no período), a cultura afro-brasileira passa a ser vista também como um meio de se obter lucro. Mesmo nessa perspectiva, no entanto, ela ainda é encarada puramente como “folclore”, “manifestação exótica”, sendo marcada ainda por um forte estigma de inferioridade. Somente a partir da década de 1980, com a atuação do movimento negro e com a absorção real do conceito antropológico de cultura pelos órgãos de cultura e patrimônio, é que se começa a efetivar o reconhecimento histórico da cultura afro-brasileira e de outras minorias étnicas nacionais. No entanto, como em muitos casos, a valorização deste importante patrimônio não se deu sem conflitos, e ainda hoje, é pauta de acalorados debates nas esferas das iniciativas patrimoniais em todo o Brasil.

Dois novos museus

Apenas para efeito de comparação, podemos analisar o acervo e a postura de dois outros museus, já montados nas últimas décadas, que também se debruçam sobre o universo da cultura afro-brasileira: o Museu Afro-Brasileiro (MAFRO), criado em 1982, em Salvador e o Museu Afro Brasil de São Paulo, implantado em 2004, em São Paulo.

O primeiro deles, o MAFRO, Museu Afro-Brasileiro, é um dos poucos no país a tratarem exclusivamente da cultura afro-brasileira (FIG. 4). Foi criado em 1982, através de convênio firmado entre os Ministérios das Relações Exteriores e da Educação e Cultura, o Governo da Bahia, a Prefeitura da Cidade do Salvador e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir do Programa de Cooperação cultural entre o Brasil e países da África e de estudos realizados sobre a cultura afro-brasileira. Seu acervo vai combinar peças de origem africana e brasileira.

⁴ Ver a obra de Gilberto Freire, *Nina Rodrigues recordado por um discípulo, Bahia e baianos, Fundação das Artes* (1990); e de Ordep Serra, *Sobre Psiquiatria, Candomblé e Museus, Caderno CRH*, v. 19, n. 47 (2006).

Seu acervo é composto de peças da cultura material de origem ou inspiração africana, representativas da vida cotidiana, dos processos tecnológicos, do sistema de crenças, das manifestações artísticas e da tradição oral na África tradicional. São esculturas, máscaras, tecidos, cerâmicas, adornos, instrumentos musicais, jogos e tapeçarias, provenientes do continente africano, adquiridos na década de 70, pelo Ministério das Relações Exteriores, ou através de doações das diversas embaixadas dos países da África. Há, por outro lado, objetos de origem brasileira, relacionados à religião afro-brasileira na Bahia, suas divindades e sacerdotes. São os atributos iconográficos e os adornos dos principais orixás e roupas de mães e pais de santo de alguns terreiros de Salvador. Merece destaque especial o conjunto de talhas em cedro, do artista plástico Carybé, com dimensões monumentais (2 e 3 metros de altura) retratando 27 orixás e que constitui uma das mais importantes obras da arte contemporânea brasileira.⁵

O Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), órgão suplementar da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, exerce importante papel nas atividades deste museu, sendo o organismo responsável pela sua gestão. O Governo da Bahia, juntamente com a Universidade Federal da Bahia, a Fundação Palmares, dentre outros órgãos não governamentais que visam à proteção das minorias étnicas no Brasil, têm conseguido, neste estado, importantes avanços que visam resgatar a cultura afro-brasileira. Em consonância com a atuação desses órgãos, em 1997, o museu foi totalmente reestruturado, tendo sua museografia sido atualizada, priorizando uma abordagem conceitual mais atualizada.

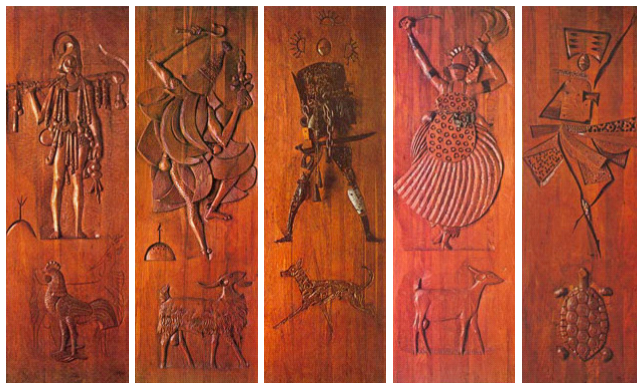


FIGURA 4 - Peças do acervo do MAFRO - Museu Afro-brasileiro: painéis em madeira de cedro, com trabalhos de entalhe e incrustações de materiais diversos do artista Carybé. Fonte: CEAO – UFBA, [200-].

5 CEAO – UFBA. Museu Afro-brasileiro. [200-]. Disponível em: <<http://www.ceao.ufba.br/mafro/welcome.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2008.

FIGURA 5 - Peças do acervo do MAFRO - Museu Afro-brasileiro: Copa de Ifá em madeira / Escultura de Gu, em ferro / Estatueta de caçador (bronze).
Procedência: República Popular do Benin.
Fonte: CEAO – UFBA, [200-].



Outro museu que merece destaque, pelo seu caráter mais avançado no que diz respeito à visão patrimonial, à abrangência e proximidade que instaura junto à população, é o *Museu Afro Brasil de São Paulo*, implantado em 2004 com os recursos de patrocínio da Petrobrás, através dos incentivos da Lei Rouanet, do Ministério da Cultura (MinC). A gestão do projeto foi de responsabilidade do Instituto Florestan Fernandes, através de termo de colaboração com a Secretaria Municipal de Cultura, instituição administrada pela Associação Museu Afro Brasil, qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público e tem o apoio, através de Termo de Parceria, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e da Divisão de Iconografia e Museus – DIM / DPH.

O que aparentemente poderia ser um paradoxo – um museu de motivos negros em uma cidade de declarada ascendência bandeirante –, acabou por gerar o mais bem sucedido exemplo de museu afro-brasileiro nacional. O Brasil é um país mestiço, marcado pela convivência entre diversas étnicas e culturas, e São Paulo, como metrópole brasileira, não poderia fugir à regra, sendo um exemplo claro do retrato do povo brasileiro, marcado pela imensa mistura de raças e etnias. Assim, São Paulo vai ser, de alguma forma, uma “cidade-síntese, que resume em si toda a riqueza da diversidade étnica e cultural de nosso país, e que, por sua condição cosmopolita, não a isola da realidade do mundo globalizado em que vivemos”.⁶ O que chama a atenção neste museu é a postura assumida frente ao que seria uma “identidade brasileira”, como amálgama das mais diversas culturas, como diz Emanuel Araújo, seu curador:

6 MUSEU AFRO BRASIL. Acervo. [200-]. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.com.br/index_01.asp>. Acesso em: 20 jan. 2008.

Sendo um museu *brasileiro*, o Museu Afro Brasil não pode deixar de ser também um museu da *diáspora africana*, pois a presença do negro, no Brasil e nas Américas, é indissociável da experiência de desenraizamento de milhões de seres humanos arrancados aos seus lugares de origem graças à instituição da escravidão. É a escravidão que, na diáspora, força o contato e o intercâmbio entre membros de diferentes nações africanas e produz as mais diversas formas de assimilação entre suas culturas e as de seus senhores, bem como de resistência à dominação que estas lhes impõem. O Museu Afro Brasil é um museu da diáspora e, como tal, deverá registrar não só o que de africano ainda existe entre nós, mas o que foi aqui apreendido, caldeado e transformado pelas mãos e pela alma do negro, a miscigenação e a mestiçagem que contribuíram para a originalidade de nossa brasilidade.

Com isso, o Museu Afro Brasil seria um “museu histórico”, que fala das origens, mas que, percebendo o caráter dinâmico e processual dessa mesma história, também registra as lutas “que prosseguem até hoje”.

Um centro de referência da memória negra, que reverencie a tradição que os mais velhos dolorosamente souberam guardar, mas faça reconhecer os negros ilustres, na vida pública, nas ciências, nas letras e nas artes, no campo erudito ou popular. Um museu etnográfico que exponha com rigor e poesia ritos e costumes que traduzem outras visões de mundo e da história, festas que evidenciam o encontro e a fusão de culturas africanas e luso-afro-ameríndias para formar a cultura mestiça do Novo Mundo, mas que também registre a dinâmica da cultura negra na diáspora hoje. Um museu de arte, passada e presente, que reconheça o valor da recriação popular da tradição e reafirme enquanto negro o talento de formação erudita, nas artes plásticas e nas artes cênicas, na música como na dança⁷.

Seu acervo inicial, cedido em regime de comodato à Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, contém 1.100 obras, que fazem parte do acervo pessoal do artista plástico, curador e diretor de museus, Emanuel Araújo, que durante mais de 20 anos, reuniu uma importante coleção de mais de 5.000 obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, livros, vídeos e documentos, de artistas e autores brasileiros e estrangeiros, relacionados com o tema.

Hoje, Emanuel Araújo atua como curador-chefe do Museu Afro Brasil, que possui mais de 3.000 obras catalogadas. Ele ampliou o número de obras de sua coleção cedidas em comodato, e acrescentou outras, através de doações e aquisições (FIG. 6 a 9). Diferentemente do museu MAFRO em Salvador, que prioriza a linha de descendência puramente africana, destacamos a presença de várias peças religiosas

7 MUSEU AFRO BRASIL. Acervo. [200-]. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.com.br/index_01.asp>. Acesso em: 20 jan. 2008.

de fundo sincrético típicas das religiões afro-brasileiras mais recentes, como as várias linhas da Umbanda, o Maracatu, e as tradições católicas populares.



FIGURA 6 - Peça do acervo do Museu Afro Brasil: Cosme Damião. Fonte: MUSEU AFRO BRASIL, [200-].



FIGURA 7 - Peça do acervo do Museu Afro Brasil: São Jorge. Fonte: MUSEU AFRO BRASIL, [200-].



FIGURA 8 - Peça do acervo Sagrado e Profano do Museu Afro Brasil: Guerreiro de lança Maracatu Rural, Pernambuco. Fonte: MUSEU AFRO BRASIL, [200-].



FIGURA 9 - Peça do acervo Sagrado e Profano do Museu Afro Brasil: Detalhe de Cruzeiro Monumental do Martirólogo de Cristo. Fonte: MUSEU AFRO BRASIL, [200-].

A história oral também vai ser abordada de forma privilegiada neste museu, considerada como forma privilegiada de “registrar, documentar, preservar e divulgar relatos e histórias de vida, seja de comunidades negras brasileiras, como os quilombos, ou de personalidades negras importantes, na vida e na história dos grupos afro-brasileiros”, sendo atribuições que o Núcleo de História Oral do Museu Afro Brasil tem como desafio desenvolver.⁸ Esta iniciativa constata a visão aberta que o museu tem diante do patrimônio, que se revela tanto através do tratamento que reserva aos bens materiais – privilegiando uma postura dialógica com as diferentes vertentes formadoras da cultura brasileira, quanto também da atenção aos aspectos imateriais e intangíveis da cultura afro-brasileira, que se mostram ainda mais importantes quando constatamos que se lida com uma cultura não-hegemônica (FIG. 10 e 11). Nos programas de história oral ali desenvolvidos, o Museu Afro Brasil dá voz ativa aos grupos afro-brasileiros, que são tomados ali como agentes ativos, e não apenas como objetos passivos de estudo.



FIGURA 10 - Museu Afro Brasil: Núcleo de História Oral. Encontro dos Quilombolas, 2005. Fonte: MUSEU AFRO BRASIL, [200-].

8 MUSEU AFRO BRASIL. Acervo. [200-]. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.com.br/index_01.asp>. Acesso em: 20 jan. 2008.



FIGURA 11 - Museu Afro Brasil: Educador com alunos em visita orientada. Fonte: MUSEU AFRO BRASIL, [200-].

A partir destes três exemplos, pode-se, então, acompanhar como a cultura afro-brasileira vem sendo tratada nas políticas de patrimônio no Brasil, em especial nos seus museus, podendo-se ver como o diálogo entre culturas se dá em um longo processo de avanços e retrocessos. Pelo visto, muito se fez até hoje, passando-se de uma visão que aproximava o universo afro-brasileiro do crime e da contravenção, para uma visão de museu que trata o elemento afro-brasileiro como componente da identidade – mutável e complexa – do próprio país. No entanto, há ainda muito a se fazer para que as políticas de patrimônio possam valorar, de forma equilibrada, as contribuições das diversas culturas que conformam o nosso País, sendo necessários, para tanto, novos mecanismos que possam responder ‘a diversidade de valores. Um trabalho contínuo de resgate e valorização é indispensável para a consolidação da auto-imagem de um cidadão consciente dos direitos e deveres de uma comunidade afro-descendente, da qual, afinal de contas, todos brasileiros fazemos parte.

Referências

CEAO - UFBA. *Museu Afro-brasileiro*. [200-]. Disponível em: <<http://www.ceao.ufba.br/mafro/welcome.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2008.

FONSECA, Maria Cecília Londres (1996), Da modernização à participação. A política federal de preservação nos anos 70 e 80. In. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; MEC, n.24.

_____ (2003), Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. [2008]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 12 jan. 2008.

MUSEU AFRO BRASIL. *Acervo*. [200-]. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.com.br/index_01.asp>. Acesso em: 20 jan. 2008.

POLÍCIA CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Museu*. [200-]. Disponível em: <www.policiacivil.rj.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2008.